

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Resumo

Neste artigo, procuro investigar a representação de corpos negros em aplicativos de relacionamento e sites de pornografia, evidenciando como o desejo racializado molda interações entre homens LGBTQIA+. Através de uma etnografia digital, experiências autobiográficas e análise de produtos culturais — amparado por autores como Hall, Fanon, Butler, Perlongher, hooks e Collins —, mostro como a suposta “valorização” do corpo negro opera via fetichização hipermasculinizante que restringe papéis — ativo, dominante —, silencia afetos e pune performances vistas como “bicha”.

Palavras-chave:

desejo racializado; pornografia; etnografia digital; masculinidade; “bicha”

Abstract:

This article investigates the representation of Black bodies in dating apps and pornography websites, highlighting how racialized desire shapes interactions among LGBTQIA+ men. Through digital ethnography, autobiographical experiences, and analysis of cultural products — supported by authors such as Hall, Fanon, Butler, Perlongher, hooks, and Collins — I show how the supposed "valorization" of the Black body operates via hypermasculinizing fetishization that restricts roles — active, dominant — silences affections, and punishes performances seen as "gay."

Keywords:

racialized desire; pornography; digital ethnography; masculinity; "faggot"

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Introdução

“Tem pauzão?”

Reescrevo esta frase, pois foi a partir dela e de variações da mesma — enviadas casualmente em aplicativos de relacionamento gay, como o Grindr¹ — que levou-me a vasculhar a imagem do corpo negro na comunidade LGBTQIA+².

Entre tantos encontros sexuais frustrados e mensagens *objetificantes*, um em especial me marcou. Em meados de 2016, enquanto estava em Botafogo, Rio de Janeiro, recebi a notificação de uma nova mensagem. O perfil de quem a enviou era o de um homem branco, padrão³, no que diz respeito a comunidade LGBTQIA+ e nele, o homem não sugeria muito sobre os desejos e encontros que procurava, mas, em uma rápida interação, revelou “gostar de negros”, pediu fotos e, quando não encontrou o que “esperava”, bloqueou o meu contato.

À primeira vista, a situação não me incomodou. Quando se é negro e você cresce em uma cidade majoritariamente branca como Petrópolis, se aprende que raras são as vezes que te querem ou te aceitam. Mas, havia algo de diferente naquele contexto que apenas se revelou mais a frente para mim: o desejo por uma negritude que não me cabia completamente.

Isso se mostrou mais aparente quando retornei à Petrópolis em 2018. Na época, passava mais tempo no Rio do que na cidade onde cresci, o que fez com que me afastasse

¹ Desenvolvido em 2009, o Grindr é um aplicativo disponibilizado para iOS e Android. Nele, pessoas gays, em sua maioria do sexo masculino, compartilham fotos e interagem entre si. Inicialmente, o “app” tinha o intuito de conectar indivíduos quando se está viajando pelo mundo, porém, o foco atual é a facilitação para se marcar encontros sexuais.

² O Manual de Comunicação LGBTI+, elaborado pela Aliança Nacional LGBTI+ elencou os significados de cada letra da sigla LGBTQIA+. Estes sendo: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual. O “+” ainda inclui: Questionando, Intersexuais, Curiosos, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, 2-Espíritos e Kink).

³ Descrito por Fabrício Longo como “o público ‘padrãozinho’ - referido como: branco, musculoso, aparentemente de classe média/alta” (LONGO, p. 4).

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

consideravelmente do “meio petropolitano”. Porém, como um pêndulo, havia momentos distintos e, então, lá estava eu, mais uma vez conversando com alguém de Petrópolis.

A história se repete: branco, padrão, diz pouco sobre seus interesses, mas deixa claro que “gosta de negros”. Novamente, preferi não me incomodar com o comentário e segui com a conversa. Mas, entre flertes e exploração do desejo de ambos, o parceiro revelou, como em um comentário casual, que gostaria de ter um “escravo”.

Até aquele momento, não havíamos entrado em nenhum tópico similar ao BDSM⁴, o que me colocou em uma posição desconfortável. Tentando mudar o assunto, disse que não gostaria que utilizasse essa palavra comigo, foi então que reiterou que era um “termo comum” e que “não havia nada sobre racialidade” ao redor da sua fala. Nas palavras dele, apenas possuía um interesse em me tornar seu “escravo sexual”.

E, de fato, no meio BDSM as relações entre dominador e submisso incorporam o uso da palavra “escravo”. Mas por que utilizá-lo com uma pessoa negra com a qual nunca houve contato pessoal? O que havia de tão sedutor na possibilidade de me tornar submisso à ele?

A frase com a qual inicio esta Introdução é, ademais, o princípio de uma inquietação. Os questionamentos que persigo nesta pesquisa são oriundos, especialmente, das minhas experiências como pessoa negra e LGBTQIA+. Formado ou graduado em jornalismo e estudante de pós-graduação em antropologia, seria impossível não questionar essas situações.

“Tem pauzão?” é apenas uma das variantes de perguntas racistas que moldam boa parte das interações nesses aplicativos. E, elas podem ir de “Tem maconha?” até “É ativão?”. Durante muito tempo, repeti para mim mesmo que era uma situação comum da vida como um jovem gay. Porém, descobri que se tratava de algo comum, de fato, para um jovem negro e gay.

⁴ Sigla que denomina um conjunto de práticas consensuais envolvendo bondage e disciplina, dominação e submissão

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Foi, então, que pesquisando sobre estereótipo e representação, me deparei com Stuart Hall e seu livro *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, que me levou a Frantz Fanon e seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, me puxando de forma ainda mais profunda para os estudos antropológicos. Ao me deparar com tantos autores negros, fui atrás do que os *queers* tinham a me dizer, como Paul B. Preciado e seu *Manifesto Contrassexual*; Michel Foucault com *História da Sexualidade* e Judith Butler com *Problemas de Gênero*.

Entre tantas experiências e falas semelhantes, mas também diferentes às minhas, percebi que meus questionamentos podiam ter espaço nessa área.

À primeira vista, queria me inserir nesse contexto. Criar contatos, fazer entrevistas em vídeo, explorar o que havia por trás do pornô. Dar alma e conjuntura a esses corpos sexuais encontrados nos vídeos.

Porém, o início da pandemia e um ensino à distância forçado levou-me a posição de abranger minha pesquisa digital — para além de aplicativos de relacionamentos e vídeos pornográficos — e construir relações de modo, exclusivamente, virtual.

Por um lado, a etnografia digital me permitiu atingir entrevistados que nunca imaginei atingir, criar relações que não achei que seria possível. Mas, ainda existia a solidão e o medo constante de que todos esses dados eram apenas superficiais.

Ao levantar dados, trocar mensagens e assistir vídeos, o isolamento social me fez questionar a legitimidade de um objeto de estudo. Chega a ser irônico pensar sobre como meu estudo se baseia na fisicalidade, no corpo, suor e sexo, porém, ao mesmo tempo, todas as relações que desenvolvi aqui não são corpóreas. São audios de whatsapp, vídeo chamadas e gravações nas quais não estive presente.

Entre compreender que não era necessário ir a um campo físico para encontrar um objeto e duvidar do meu próprio trabalho, percorri um caminho no qual havia uma dificuldade em verbalizar as questões que cresci enfrentando.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Masculinidade tóxica, heterossexualidade compulsiva, homofobia, racismo. Todas essas palavras eram conceitos que eu vivia de forma inconsciente, mas houve um “engasgo” no ato de traduzir e discutir para a escrita acadêmica.

Na lembrança de um filme que me mobilizou e tocou profundamente, encontrei minha inspiração para dar forma à escrita e narrativa etnográfica desta dissertação.

O que é ser bicha?

No filme, *Moonlight*, o estigma da palavra “*faggot*” carrega dois conceitos que apenas serão bem definidos posteriormente no imaginário do personagem Little. Em um primeiro momento, as dúvidas inocentes do garoto o colocam cara a cara com o preconceito e, mais tarde, nega essa identidade como forma de sobrevivência. Mas, podemos significar o termo como Peter Fry (1982), o apontando como uma forma de construir um sistema dicotômico e binário, que divide a identidade gay em: homem e bicha, ativo e passivo, macho e puta, dominante e submisso.

Para o garoto, na sua infância, a palavra “*bicha*” é sinônimo de uma identidade desconhecida que possivelmente vive nele, a partir do olhar do outro. Para sua mãe, é algo para se envergonhar. Já para Juan, seu mentor e figura paterna, é “*uma palavra usada para fazer pessoas gays se sentirem mal*”.

Mas, nas três situações apresentadas, a descoberta da palavra “*bicha*” é um fator externo que foi interiorizado de alguma forma. Enquanto Peter Fry traça e delimita essa identidade de forma binária, Perlongher vai contextualizá-la em seu estudo sobre o mercado sexual gay nas ruas de São Paulo.

Nele, em uma busca por compreender o que vende ou não no mercado de prostituição, o autor evidencia uma possível valorização do corpo negro, isso se o mesmo se incluir nos

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

moldes de masculinidade de ativo na penetração. Essa atitude que apenas irá se concretizar no íntimo, no sexo, teoricamente, transparece no dia a dia, no corpo, na voz e atitude do homem negro. Esses aspectos são incorporados por aplicativos de relacionamento gay, como o Grindr. Imagem, descrição do corpo, título, posição sexual, tamanho do pênis, entre outras características são expostas como títulos de um vídeo pornô.

Por isso, Little é apontado como “bicha”. Pelo seu corpo magro, sua voz baixa, a fragilidade que demonstra com o decorrer do filme. Aos olhos de sua mãe, suas atitudes, sem que o garoto perceba ou saiba, o colocam em um dos lados da moeda de Fry. Já Juan, tenta lhe mostrar que essa identidade é uma escolha. “*Você pode ser gay, mas não precisa deixar que ninguém o chame de bicha*”, ele diz.

É interessante notar como existe uma linha traçada entre prática e identidade. Em estudos como o de Perlongher, essa identidade terá um marcador racial muito bem definido. De preferência branco, com uma boa renda, em sua maioria mais velho. Tudo isso aponta para a conceituação do que é ser gay, uma vez que essa “comunidade imaginária”, como diria Benedict Anderson, se formou através do consumo de uma imagem dos centros norte-americanos, mais especificamente, em São Francisco, Stonewall, entre outros marcos para o movimento.

A prática é o permitido para o corpo negro para Juan e também no trabalho de rua de garotos de programa na pesquisa de Perlongher. Por essa diferenciação entre prática e identidade, esses corpos negros são empurrados a margem, como objetos de desejo, mas raramente de construção afetiva.

Afeto é a palavra chave em Moonlight e na vida do homem negro gay. A mesma é negada a essa existência. Pois se mostrada de alguma forma, significa ser fraco e por extensão, expressa a identidade da “bicha”. A necessidade de demonstrar afeto e a ausência de receber o mesmo é o que, aos poucos, isola Little em um mundo de silêncio e dor.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Tudo isso se concretiza a partir de uma alteridade. Não há introspecção, por exemplo. Não há cena em frente ao espelho em que o protagonista se descobre, mas há os olhos de terceiros, o olhar magoado da mãe, os gritos, que procuram na criança uma performance masculina. É nesse mesmo olhar que se procura a chamada “valorização do corpo negro” no mundo gay, descrita por Perlongher. Novamente, não é sobre o ato sexual, mas sobre estética. Sobre performance.

“Essa lógica racista do mercado erótico valoriza os homossexuais negros em papéis fetichizados de hipermasculinidade, inclusive no tocante à pobreza. É nesse contexto que homossexuais pobres e afeminados são chamados de ‘bichinha pão com ovo’ e menosprezados - ainda mais se forem negros e/ou gordos - enquanto aqueles que, apesar de pobres, se comportam de maneira masculinizada são cobiçados como ‘mavambo’ e ‘cafuçu’” (LONGO, ano, p. 9).

No caso da “criança gay”, a identidade, o que é visto e interpretado sobrepõe qualquer possibilidade de uma prática sexual. Quando tratamos de um corpo negro e gay, a identidade de “homem”, do “macho de verdade”, que foi aceita em meio a comunidade gay ao passar das décadas, sobrepõe a performance.

Um corpo que reproduz uma exacerbação do que é ser homem. Um ideário que permeia o selvagem e incontrolável, mas que, de alguma forma, pode ser controlado. É assim que imagens como “mavambo”, “cafuçu” e “malandro” se tornaram alvo de fetiche no mercado erótico, em que se deixar ser dominado e controlado pelos mesmos. Também significa controlar a narrativa, porém, este é um assunto que será abordado mais à frente.

Nesse sentido, corpos que rejeitam o masculino e/ou buscam comportar a dualidade do masculino e feminino — podendo ser apontados como *queers*⁵ — são de alguma forma,

⁵ Termo cunhado por Judith Butler em 1990, em que demonstra um “não-ser”, onde a identidade sexual é fluida, estando em constante mudança.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

negados. Utilizando um exemplo fora do espectro da negritude, temos a carreira do ator pornô Brandon Lee.

Filipino-americano, gay, ator pornô, nascido em 1979, Brandon é considerado como a primeira estrela pornô gay asiática na cultura *mainstream*. Iniciando sua carreira em 1998, com *Fortune Nookie*, na história, o rapaz asiático se vê necessitado dos serviços de um advogado. Esse, interpretado por Jacob Scott, lhe diz que seus serviços são caros, mas que podem ser pagos com sexo.

Figura 4: *Fortune Nookie* e o desejo proibido de Brandon Lee⁶



Fonte: Filme “*Fortune Nookie*”

⁶ Para Cego Ver: Brandon Lee de costas, ajoelhado em um sofá, mostrando a bunda para Jacob Scott.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

“Uma bela bunda que você tem. Bunda apertada, pau grande. Mostra ela para mim”, diz o ator pornô Jacob Scott para Brandon Lee. Brandon se alisa e exhibe o corpo nu para Jacob, enquanto o advogado está completamente vestido.

“Preciso que você me coma”, diz Brandon, mas o que se segue das falas e gestos sexuais na cena é que Brandon se porta como ativo na relação sexual.

Desejo racializado, performance e afeto:
etnografia digital sobre corpos negros na
sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

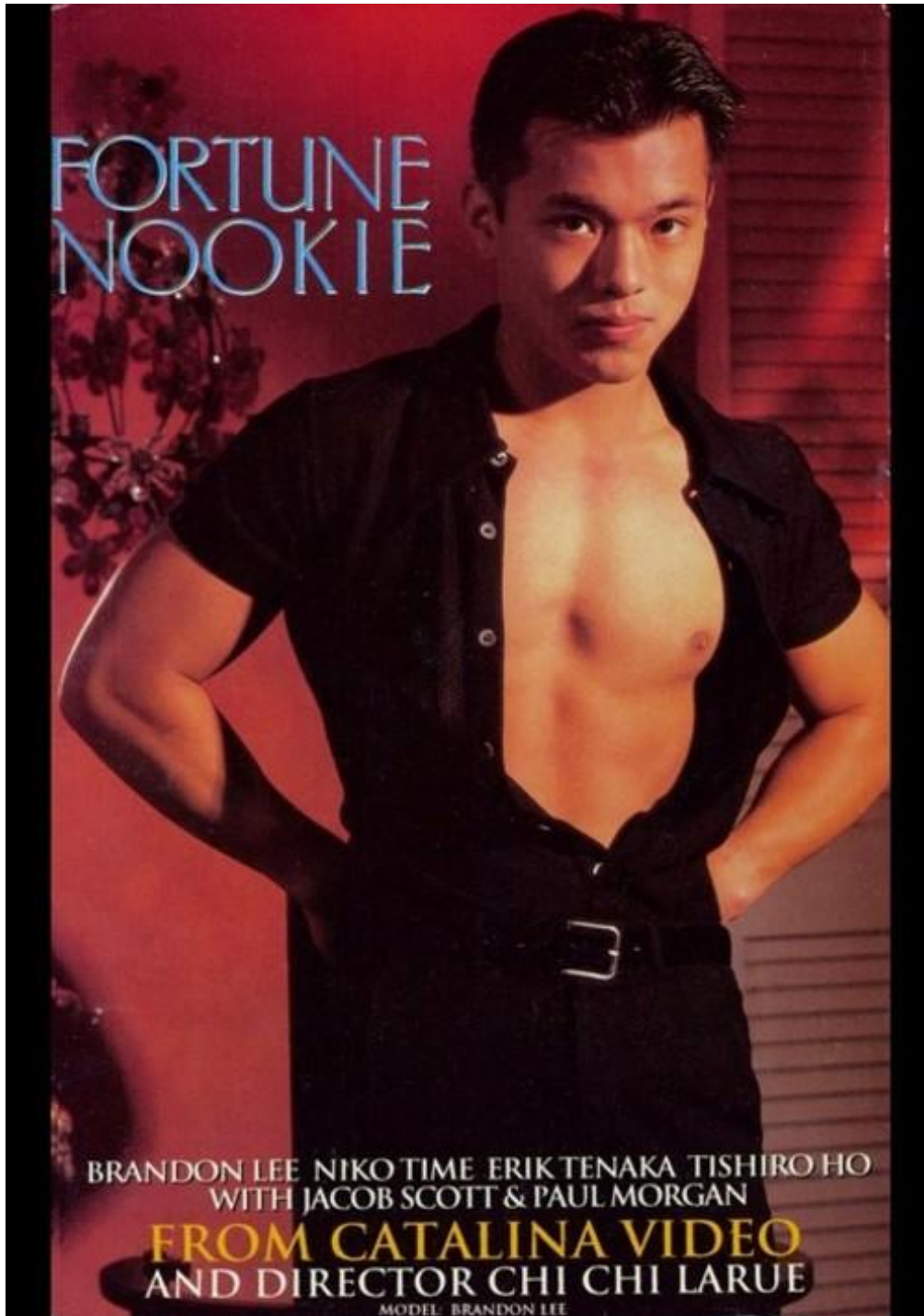
JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Figura 5: Pôster de Fortune Nookie⁷



Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Fonte: *GoldPoster.com*

A quebra de expectativa produzida pela cena é uma consequência de várias características que tornam esse filme importante para esse debate inicial. Brandon Lee é um filipino-americano, enquanto Jacob Scott é um caucasiano. De terno e gravata, ele controla Brandon até que permite ser fodido pelo homem asiático. Entre estereótipos de passividade e sobre o tamanho do pênis de homens amarelos, Jacob se deixa ser dominado sexualmente, mas sempre demonstrando ser capaz de tomar a narrativa para si mais uma vez.

O que vira a chave para que Brandon ganhe a permissão para tal é ser uma exceção à regra. Diferente do dito popular sobre homens asiáticos terem o pênis pequeno, Brandon conseguiu “transicionar de um nicho étnico para pornografia mainstream gay”, devido ao avantajado tamanho de seu pênis comparado a sua etnia e tamanho corporal. “Antes de Lee, atores pornôs asiáticos interpretavam papéis de lutadores de karatê, atendentes de loja na Chinatown, entregadores de comida chinesa; o que constitui diversos estereótipos sexuais racializados” (NGUYEN, p. 30).

Porém, isso não exclui sua racialidade. O que o tornou uma estrela dos anos 90 não foi o suficiente para mantê-lo no auge. Isto é, o estereótipo atrelado a sua cor continuou servindo de força motriz para os papéis interpretados pelo ator. Seu corpo se tornou a personificação de dois desejos distintos. Constantemente sendo atraído pelo desejo de ser passivo, mas nunca sucumbindo a ele, Brandon se tornava exótico aos olhos do mercado erótico. Geralmente colocado como um par igual aos seus parceiros de câmera brancos, havia um sinal vermelho de perigo em sua performance. De que um desejo, teoricamente, inerente a sua racialidade poderia colocá-lo sob outra posição sexual. É a curiosidade branca de ser comido por um homem que flerta com a posição de ser passivo, mas nunca sucumbe a si mesmo.

De uma forma bem menos acadêmica, era como um circo dos horrores. Contemplar o “*estranho caso do homem amarelo e ativo, de pau gigantesco*”. Um completo divergente a

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

neutralidade do corpo branco. Nessa leitura, a pornografia *mainstream* cumpre “seu papel de manter uma hegemonia branca ocidental, seja pela intensa representação de corpos brancos enquanto neutros ou pela mercantilização da diferença racial, pautada nos estereótipos” (KATSUO, p.23).

Tan Hoang Nguyen vai apontar estes e diversos outros fatores que tornaram a carreira de Brandon única e porquê o fato dele ter produzido uma cena como passivo, depois de tanto tempo no ramo, deixou seu público confuso. Mas, o que nos interessa aqui é como em um mesmo corpo, podemos encontrar essas duas imagens opostas. Porém, é apenas permitido na fetichização do desejo do outro, pois, quando Brandon finalmente viaja por ambos os desejos, há uma rejeição do público.

É essa pornografia gay que se constrói a partir de um código binário, ativo e passivo, macho e bicha, negro e branco, asiático e negro. E mesmo que, de acordo com Escoffier (2010), para manter o interesse dos fãs, atores pornô precisam periodicamente modificar a sua persona e aumentar o repertório sexual, não é assim tão simples quando se trata de atores racializados.

Nessa visão, corpos negros representam a extrapolação do que é ser homem, uma promessa de “selvageria, de poder físico ilimitado e de erotismo incontrolável” (HOOKS, 2019); já o homem amarelo é “emasculado e infantilizado” (KATSUO, 2019).

Para a branquitude é permitido viajar por esses caminhos, “explorar a sexualidade”, “ir em busca de experiências novas”, a famosa “*brotheragem*”⁸. Fora dessa caixa, a premissa inicial é o essencialismo que cataloga e categoriza através de imagens de controle bem específicas. Essas narrativas podem ser encontradas em diversos campos, desde a mídia convencional até o pornô, nas piadas do dia a dia, até na forma como nos acostumamos a esperar determinadas posturas de certos corpos.

⁸ Expressão derivada da língua inglesa e portuguesa, utilizada para designar um relacionamento íntimo, geralmente sexual, entre dois (ou mais) homens que se identificam como heterossexuais, mas possuem uma forma de intimidade homossocial.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Na conceituação de Collins (2009), esse fenômeno é a resposta de uma “propaganda”, transmitida de forma tão massiva e constante, pois é “confortável para a comunidade branca que existam justificativas que lhe retirem a responsabilidade de responder pela contínua violência que a exploração econômica dos povos negros significou na construção do status quo da branquitude” (BUENO, 117).

Transformar o corpo branco como neutro e silenciar outras existências legitima narrativas estereotipadas e os coloca como coadjuvantes, meros objetos, em enredos que deveriam co-protagonizar. Assim, atitudes fora da “regra” se tornam abomináveis ou, simplesmente, não vendáveis.

É o caso do rapper Lil Nas X. Quando o mesmo fez sucesso com a letra e estética masculina e estadunidense, *Old Town Road*, as críticas eram poucas comparadas a sua próxima produção, *Montero (Call Me By Your Name)*. Isso porque a produção é uma quebra da estética que o *rapper* construiu até então. Diferente de *Old Town Road* — que através de roupas de *cowboy*, performa o tipo de masculinidade construída por figuras históricas como o ator John Wayne —, em “*Montero*”, o rapper veste botas de couro, desce uma barra de “pole dance” até o inferno e dança no colo do diabo.

Logo após a publicação do clipe, o cantor postou uma carta aberta para o seu “eu” de 14 anos, na qual fala sobre a importância de falar publicamente sobre sua sexualidade [1]:

[...] eu sei que prometi nunca ser esse ‘tipo’ de pessoa gay, eu sei que prometi morrer com esse segredo, mas isso vai abrir portas para que pessoas “queer” simplesmente existam. Veja, isso é muito assustador para mim, pessoas ficaram com raiva, eles dirão que estou forçando uma ‘pauta’.

A carta foi uma resposta também às críticas ao redor do vídeo, que giravam em torno de “forçar uma pauta” e vistas como um “desrespeito”. O desconforto do público esteve ligado a estética presente na produção, dado que no meio *rapper*, nacional e internacional, as regras

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

são vestimentas largas, voz grossa e uma performance ao redor da heterossexualidade compulsória e masculinidade. Já *Lil Nas X* recorreu para o campo *pop*, apresentando-se com roupas justas de couro.

Ao perceberem o binarismo institucionalizado de gênero em um mesmo corpo, a personificação da teoria *queer*, ele foi acusado de “desvirtuar” um movimento cultural que parte, fundamentalmente, de uma hiper masculinização do corpo masculino negro e da sexualização de mulheres negras.

Parece que “sempre existe um outro sujeito, com maior autoridade para falar sobre as experiências de mulheres negras no lugar delas próprias” (BUENO, p. 79). No caso do artista, de “homens negros gays”. As críticas a *Montero* não passam de uma forma de silenciamento ao se depararem com formas alternativas de se existir, que vão contra o hegemônico, ao “normal” e esperado.

Nada diferente do que ocorre em *Fortune Nookie*. Brandon é colocado em um espaço sexualizado em que sua etnia demonstra passividade e servidão. Mas, a exceção à regra que é seu corpo, o afasta da prática sexual como passivo. Novamente, retornamos a performance e identidade. Lil Nas X é criticado pela construção dessa identidade, enquanto Brandon Lee foi exaltado por performar, flertar, mas nunca se deixar ir. Até que se deixou e a concretização desse desejo o tornou “indesejável”.

O curioso é que esse posicionamento conservador pode ser replicado e instaurado por qualquer tipo de corpo. Seja branco, negro, amarelo, heterossexual ou homossexual. A partir de expectativa e frustração, essa máquina de controle consegue se retroalimentar, mantendo-se viva a partir de aspectos nocivos do machismo, racismo e homofobia.

“As imagens de controle também podem ser consideradas símbolos que buscam restringir a autonomia de mulheres negras, também sendo utilizadas como uma forma de naturalização das consequências do racismo e do sexismo a partir da inevitabilidade” (BUENO, 2020, p. 79).

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

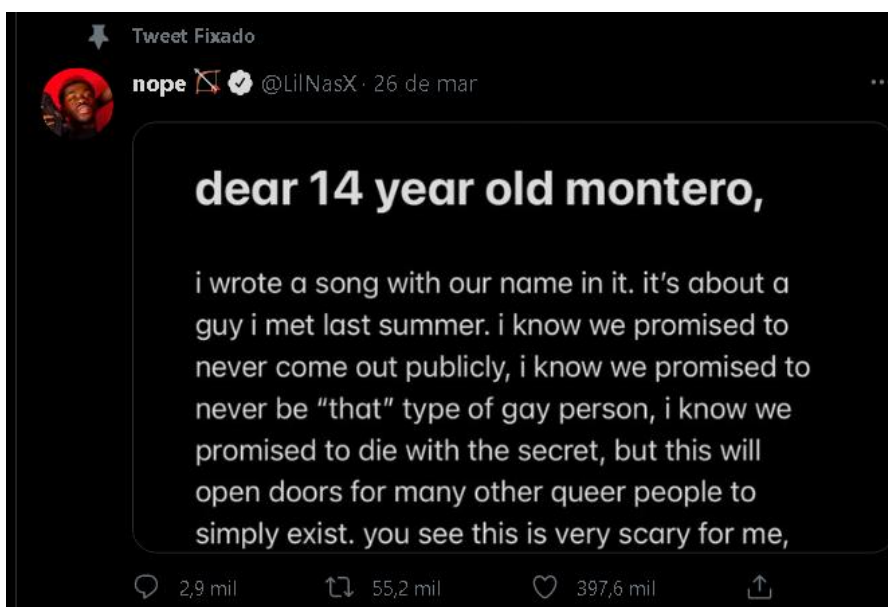
JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Figura 6: Post de Lil Nas X para o seu “eu” de 14 anos.⁹



Fonte: *Twitter*

O jeito machão

“O jeito machão de lidar com os clientes. Esse é o Yuri”, explicou Yuri Oberon sobre como se espelha em outro produtor de conteúdo negro, Guttão Pikasso. Carioca, pansexual e não-monogâmico, Yuri Oberon é uma figura carimbada dos blogs de conteúdo +18 gay. Alto, magro e com 22 centímetros de pênis, o ator trabalha no ramo desde 2016, mas conta que antes disso já recebia “bonificações” dos caras com quem transava.

Por Yuri já ser um ator conhecido no ramo, diferente de outros produtores de conteúdo analisados, ele não possui duas contas distintas, isto é, uma conta pessoal e uma profissional.

⁹ Para Cego Ver: Post no Twitter feito por Lil Nas X. Texto branco em um fundo preto, o artista conta sobre como tinha medo de se assumir queer.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A sua produção de conteúdo partiu de um local completamente pornográfico para um espaço onde ele consegue transacionar entre marketing de influência e pornô.

Essa característica conversa ainda mais com a definição de identidade como algo transicional que está sempre em movimento. Como o ator já disse, “filme pornô é uma fantasia, são profissionais ali”. Assim, sua postura no feed do OnlyFans é diferente de como se porta no Instagram, que também difere no Twitter. Sem contar que, nem a junção de todos esses fragmentos serão capazes de resumir a totalidade do Yuri fora do virtual. Muito diferente de como o pornô convencional gerencia suas estrelas, aqui, Yuri possui controle sobre como quer ser visto.

“Em 2019, no fim do meu curso de publicidade, meu projeto pessoal de planejamento estratégico de empresa já era o meu nome, Yuri Oberon”. Isso significa entrar em conflito com o público, mas também consigo mesmo. O ator explicou como ser produtor de conteúdo é um serviço sem folga, em que não há como separar completamente a vida pessoal, pois cada escolha sua em seu trabalho gera consequências. Tanto em relacionamentos, quanto no trabalho.

Na mesma entrevista dada a “Dentro do Meio”, Yuri comentou sobre como o pornô nacional tem como base o preconceito e racismo. A declaração do ator não é uma novidade, inclusive, todo esse trabalho tem como ponto de partida o desejo e o racismo. Porém, quando li a entrevista pela primeira vez, algo não parecia certo. Yuri é uma pessoa abertamente política, que está sempre aberta a falar sobre movimentos sociais. Como uma pessoa preta de pele clara, ele tem noção de todas as problemáticas ao redor do desejo construído pela indústria pornográfica.

Talvez por conservadorismo meu, eu não entendi a princípio como alguém poderia conciliar todas essas questões. Mal sabia eu que não existe resposta para isso. Em um primeiro momento, concluí que a preferência era seguir a maré, pois é ela que garante o dinheiro do final do mês. Logo, se tornava necessário a ele aceitar papéis racistas nas produções ou se vender

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

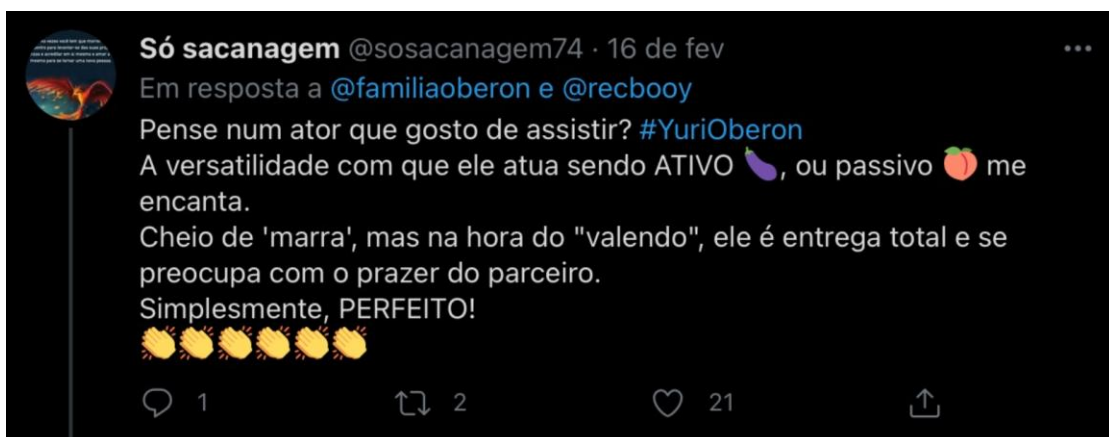
V.12 N.1 ANO 2026

sob uma ótica “branca” e “racista”. Todavia, a verdade é que não se concilia. Assim como uso a identidade como algo em aberto, sempre mudando, preciso evidenciar que não há um caminho correto para ser negro, produzir conteúdo +18 e ser “militante”. Pois, assim como Yuri disse, todas as escolhas possuem consequências.

Por conta dessas pré-concepções que eu nem sabia que havia construído ao redor da imagem de Yuri, falar pela primeira vez com o ator foi difícil. Além do outro entrevistado que não quis conversar comigo, Oberon foi o mais difícil por questão de sua agenda lotada, porém, mesmo assim, me surpreendi com o pouco que conversamos.

Tendo me disponibilizado entrevistas antigas suas, infelizmente, não foi possível nos aprofundarmos em determinados assuntos como gostaria, mas o que tirei da breve conversa é que Yuri e tantos outros produtores de conteúdo +18 não podem ser resumidos a sistemas binários e simplórios. Como o ator disse em uma de suas declarações, o “jeito machão” é do Yuri Oberon na frente das câmeras. Por trás dela, ele é uma pessoa como qualquer outra. De papo inteligente e político, fala mansa e convidativa, o ator foi solícito durante todo o tempo que conversamos.

Figura 21: Comentário sobre Yuri Oberon.



Fonte: *Twitter*

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

É intrigante pensar em como existe uma expectativa ao redor de atores pornôs no geral. O filme *“Pleasure”* de Ninja Thyberg, por exemplo, mostra, através da ficção, o que os espectadores da indústria pornô esperam da vida dos atores e como realmente são. Com objetivos profissionais, família e desejos sexuais como qualquer outro indivíduo, às vezes, não apenas as câmeras resumem o corpo da genitália, mas o próprio imaginário popular.

Algo que não havia considerado enquanto fazia esta pesquisa — e que evidencia o quanto a linha de produtor e consumidor é tênue — é que produtores de conteúdo +18 também possuem desejos sexuais que podem contradizer o que sentem ou defendem. Um exemplo que o ator deu de tipo de conteúdo nocivo, mas excitante para ele foi *“pig skinhead”*.

Muito popular no cinema pornográfico europeu, este tipo de pornô consiste em homens brancos de estética extremamente masculina, corpo peludo e atitude agressiva. Luykx e Smith trazem um exemplo bem interessante do gênero, que trazem uma relação sexual interracial permeada por debates raciais. Chamada de *Nigga’s Revenge*, nela os atores negros, após sofrerem um episódio racista por homens brancos supremacistas, atacam seus agressores sexualmente. Essa situação se desenrola não apenas pelo ego ferido dos homens do filme, mas da esposa de um dos personagens.

Figura 22: Capa de *Nigga’s Revenge*.¹⁰

¹⁰ Para Cego Ver: Imagem originalmente em preto e branco. Nela, diversas cenas do pornô mostram um homem branco sendo passivo para um homem negro. Elas incluem desde “chuva dourada”, fetiche de urinar na frente ou sobre seu parceiro, sexo anal e lambidas.

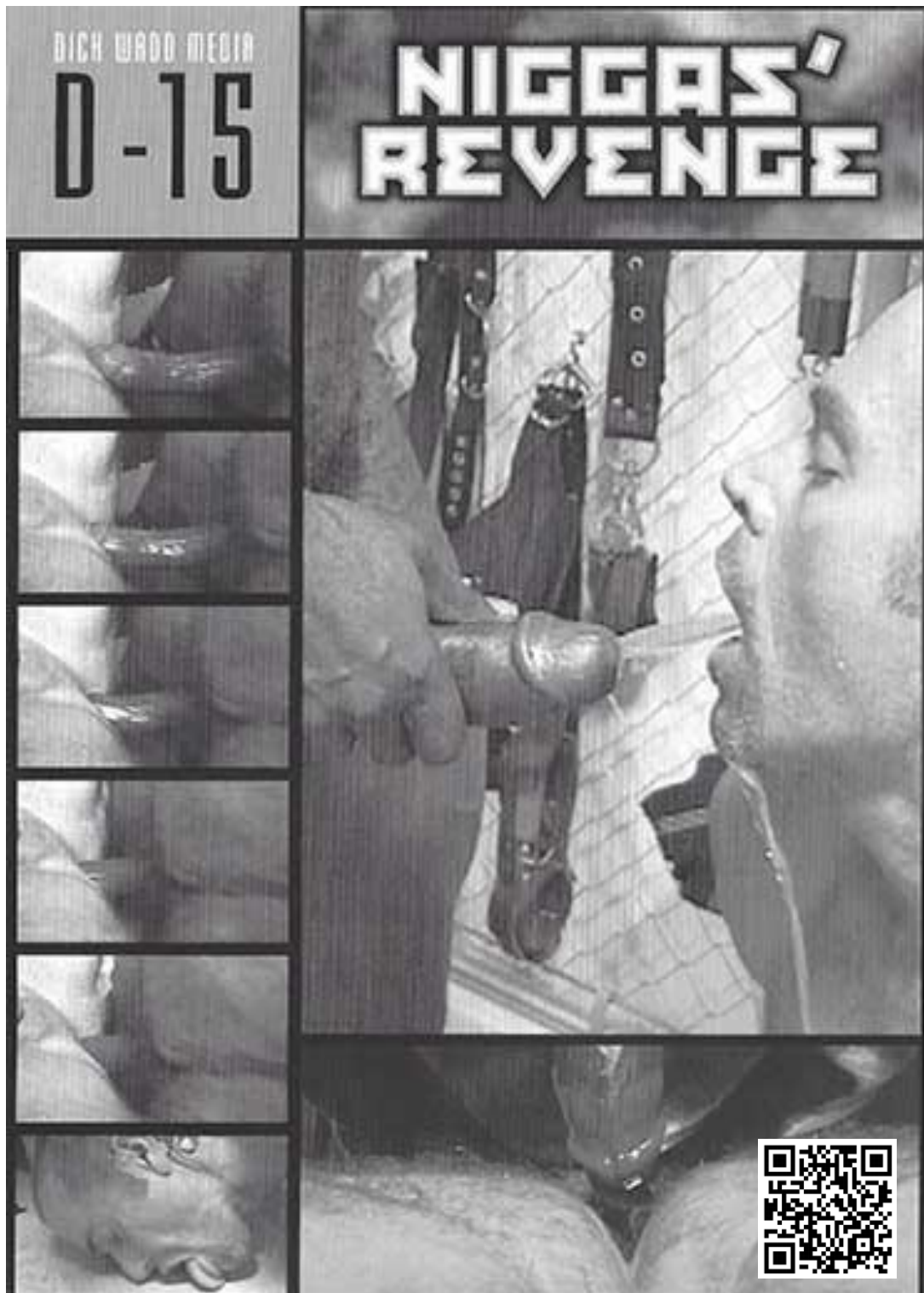
Desejo racializado, performance e afeto:
etnografia digital sobre corpos negros na
sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Fonte: *FamousFix.com*

A cena sexual é permeada de palavrões e violência constante, partindo do pressuposto que a raiva está diretamente atrelada ao prazer. Outra interpretação é a forma como esses homens negros reagiram ao ataque verbal, assediando os homens brancos sexualmente, os tornando passivos na relação.

O filme pode tanto ser lido como uma peça performativa sobre vingança contra uma opressão racial como também um documentário de sexo interracial agressivo. Essa tensão entre representação e performance é o que permite o espectador acessar o “poder erótico da cena” (SMITH, LUYKX, 2017, p. 9).

O exemplo dado por Yuri é apenas uma entre a infinidade de pornôs problemáticos. Um ponto para se levar em consideração é que boa parte desses desejos são construídos. Retornando a ideia de que não há como controlar o “tesão”, temos que levar em consideração que o que achamos “excitante” é construído, embalado e ensinado.

Consciente ou de forma inconsciente, a maior presença de pornô amador no mercado é o empurrão em direção a dar espaço para as diferenças. Longe de contraposições binárias que limitam decisões, nesses locais inexplorados academicamente repleto de pornô, fotos nuas e falas cheias de tesão, há um leque de possibilidades e narrativas. “Eu não quero sugerir que podemos contrapor à eterna história de nossa própria marginalização alguma sensação confortável de vitórias conseguidas - estou cansado dessas duas grandes contra-narrativas” (HALL, 1992, p. 151).

Ao invés de ganhar ou perder, certo ou errado, perfis como o de Oberon trazem decisões que podem não beneficiar o todo sempre, como também não precisam. Quando perguntado se já recusou papéis em filmes eróticos por conta de tramas racistas, Yuri respondeu que sim. Mas, algo além do “sim “ me marcou: “Eu mesmo sinto tesão em algumas coisas que, no convívio social, são símbolos de tudo aquilo que representa o que eu luto contra”.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

O ator descreve o mesmo desejo da transgressão que faz o olhar de consumidores e produtores pornôs brilharem. Só que, ao invés de seguir o fluxo, Oberon decide não fazer parte. Por outro lado, mesmo que não queira, toda sua imagem repercute um estereótipo. Então vem a pergunta: Como conciliar? E a resposta mais simples é que não concilia.

“Bom” e “mau” são termos simplórios demais para explicar o que é sentir tesão no que é proibido. Como mostrado no item anterior, o desejo parece uma “força descontrolável”. É o afeto que parece estar disposto a racionalizar. Mas se Yuri mostra que não é possível conciliar, ele também sugere uma saída. “Está na hora de começar a pensar o mal que faz filmes que o negro é apenas um pau [...] Dá tesão ver o mavambo sem cueca? Faz a cena em que esse mavambo tá na faculdade e não vendendo bala no sinal”.

Entre alimentar uma indústria racista e deixar de fazer parte dela, Yuri decide fazer os dois. Ser o seu próprio chefe e produzir enredos que lhe dão tesão, mas livres e problemas, mas também deixar de compactuar com o que para ele é o cerne da questão.

Não é difícil pensar fora da casinha. Se não consegue, a saída é contratar equipes de pessoas negras para produzirem nos bastidores. Contratem mulheres. Elas assistem pornô também. Contratem pessoas trans, para mostrarem suas visões. Acredito que dá para produzir algo quente, que venda e que ajude mais do que atrapalhe a sociedade. Afinal, todo mundo consome pornô.¹¹

Porém, nem todos estão confortáveis em produzir pornô. No último ano de pesquisa, encontrei diversos perfis que não estavam interessados em se publicizar, mas apenas sentiam tesão no “compartilhar”. Esse desejo vai além da fama ou do dinheiro, no entanto se resume ao tesão que traça um paralelo curioso com uma questão recorrente entre atores pornôs negros: a passividade.

¹¹ Entrevista dada por Yuri Oberon a revista virtual Dentro do Meio em 13 de novembro de 2020

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Uma das primeiras cenas de Yuri como passivo foi com o ator Guttão Pikasso. Ao procurar essa colaboração na internet, se percebe como a novidade na posição sexual de Yuri foi o que marcou o vídeo. Entre “O dia que o ativão me deu a bunda” e “*Pikasso breaking a top boy*”, a maioria das chamadas apontam para essa “curiosidade”.

Mas, como veremos mais a frente, mesmo que a cena tenha dado o sucesso esperado, assim como outros produtores de conteúdo negro, Yuri não estava tão confortável tomando essa posição.

Nosso vídeo foi bom de fazer. Ele, como pessoa, tem um mega coração. Mas, quanto à cena, não sei se é algo que eu faria de novo. Porque eu não consigo muito me colocar no papel de “dominado”. É difícil para a minha cabeça. Mesmo quando eu sou passivo, gosto de ter as rédeas.¹²

Estar no controle, para Yuri, é natural, mas também é uma resposta a como a sociedade entende o corpo gay. O ator apontou *School Boys Crush* como o seu primeiro filme pornô. Protagonizado por Brent Colligan e Brent Everett, segue um enredo comum de dois amigos do colégio que acabam compartilhando uma relação sexual. No pôster do filme, vemos os dois garotos brancos e magros. Existe uma certa fragilidade na forma em que um deles se porta, enquanto o outro, mesmo com uma postura mais agressiva, ainda é magro em comparação aos atores de hoje em dia. É importante evidenciar que essa imagem — magra, branca e jovem — se tornou o estereótipo de um homem gay. Visto constantemente como o aspecto “mais frágil” do que é ser homem, esse corpo era permitido ser quieto e passivo.

Algo que me fez perceber esse contraste foram duas fotos postadas por Yuri. Sendo um “#tbt” — “*Throwback Thursday*” ou Quinta-feira da Nostalgia —, no post feito em seu Twitter, o ator lembrou como era em 2012. Nas fotos, o contraste da imagem torna sua pele mais branca do que “parda”, ele está bem mais magro, possui uma cintura fina e, até mesmo,

¹² Entrevista feita com Axell por WhatsApp em 2021

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

uma postura “andrógena”. Esse Yuri não é marcado apenas pela juventude, mas também por um aspecto frágil que destoa completamente do Yuri de “jeito machão”.

"[...] o conservadorismo do pornô, o modo como ele sustenta seus próprios jogos discursivos (Foucault, 1991) e cria suas próprias verdades sobre corporalidade, gênero e sexualidade. Mediante poses e expressões corporais, disposições de gênero e práticas sexuais expostas em folders, pôsteres, filmes e fotografias, a pornografia anuncia modelos dominantes de masculinidade, feminidade e beleza" (BENÍTEZ, p. 279).

Essas mudanças são sobre amadurecimento, contudo a escolha de como se performa diante das câmeras ainda são uma resposta ao meio em que vive, indo de encontro diretamente ao que lhe é permitido e o que não é completamente aceitável. Oberon mesmo disse que antes ele era o estereótipo de “bicha preta”, que vivia cercado de preconceito. Hoje, não significa que ele não sofra racismo, machismo ou homofobia, porém, ele desempenha um papel que é mais “confortável” ou, pelo menos, esperado.

Ainda falando em fragilidade e branquitude, em minhas pesquisas encontrei um subgênero de pornô curioso. O site FunSizeFuck.com se debruça na diferença brusca de tamanho entre os atores. Entre os que fazem, constantemente, papel como passivo é Austin Young e costuma contracenar com Legrand Wolf. Além da diferença de altura, algo aparente é a idade dos dois.

Nesses vídeos que focam na “fragilidade” do passivo e no tamanho do pênis do ativo em relação ao passivo, geralmente, encontramos apenas homens brancos nas relações. Porém, existe um ator negro que contracenou algumas poucas vezes com Wolf, o Kai NeoLani. Assim como Austin, Kai é pequeno, magro e frágil. Mas, ao invés de caras de dor e desconforto, ele demonstra curiosidade e um desejo “incontrolável” por Wolf. Mesmo em uma posição frágil, Kai representa o completo oposto do que é ser passivo e branco nessa situação. Ainda assim, descrito por uma “foda em tamanho pequeno”, sua reação ao ato sexual é de prazer e descoberta, diferente de Austin que se resume a timidez e uma surpresa com o ato.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Kai não era muito diferente de Yuri em sua juventude. Mesmo aparentando fragilidade em 2012, ele é um contraponto à estética de *School Boys Crush*. Em resumo, Yuri não se encontrava nesse lugar que lhe proporcionou prazer. Como disse posteriormente, ele “não se via fazendo pornô”, como também não se via no pornô. Ser colocado em posição de “dominado” é estar em um lugar que, outrora, nem lhe foi sugerido que poderia estar. Cumprir essas expectativas autoimpostas ou não é a resposta a uma longa construção, que inclui pornô, cinema, família, escola. Mesmo sendo o óbvio, não podemos deixar de lado que ainda estamos falando de pessoas negras crescendo em uma sociedade moldada através do racismo.

Outra cena emblemática de sua carreira, que o colocou como passivo, foi quando colaborou com Andy Rodrigues. Andy foi um dos atores que, infelizmente, não conseguiu conversar diretamente. Após chamá-lo no Instagram e depois em sua conta pessoal do OnlyFans, cheguei a lhe enviar um e-mail, mas o mesmo nunca foi respondido. No entanto, o vídeo do ator com Yuri e a forma como o mesmo circulou diz muito sobre a posição de passivo. Do quanto pode ser incômoda pela “dominação”, mas também, pode representar “força”, tudo depende de interpretação.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Figura 23: Pôster de Schoolboy Crush¹³

¹³ Para Cego Ver: Nesta capa de Schoolboy Crush vemos Brent e Everett e Brent Corrigan. Diferente de outras capas mostradas nesse trabalho, não há posição sexual. Pelo contrário, estão apenas um do lado do outro, sorrindo para câmera. Ambos possuem uma estética similar, corpos magros com poucos pelos e músculos.

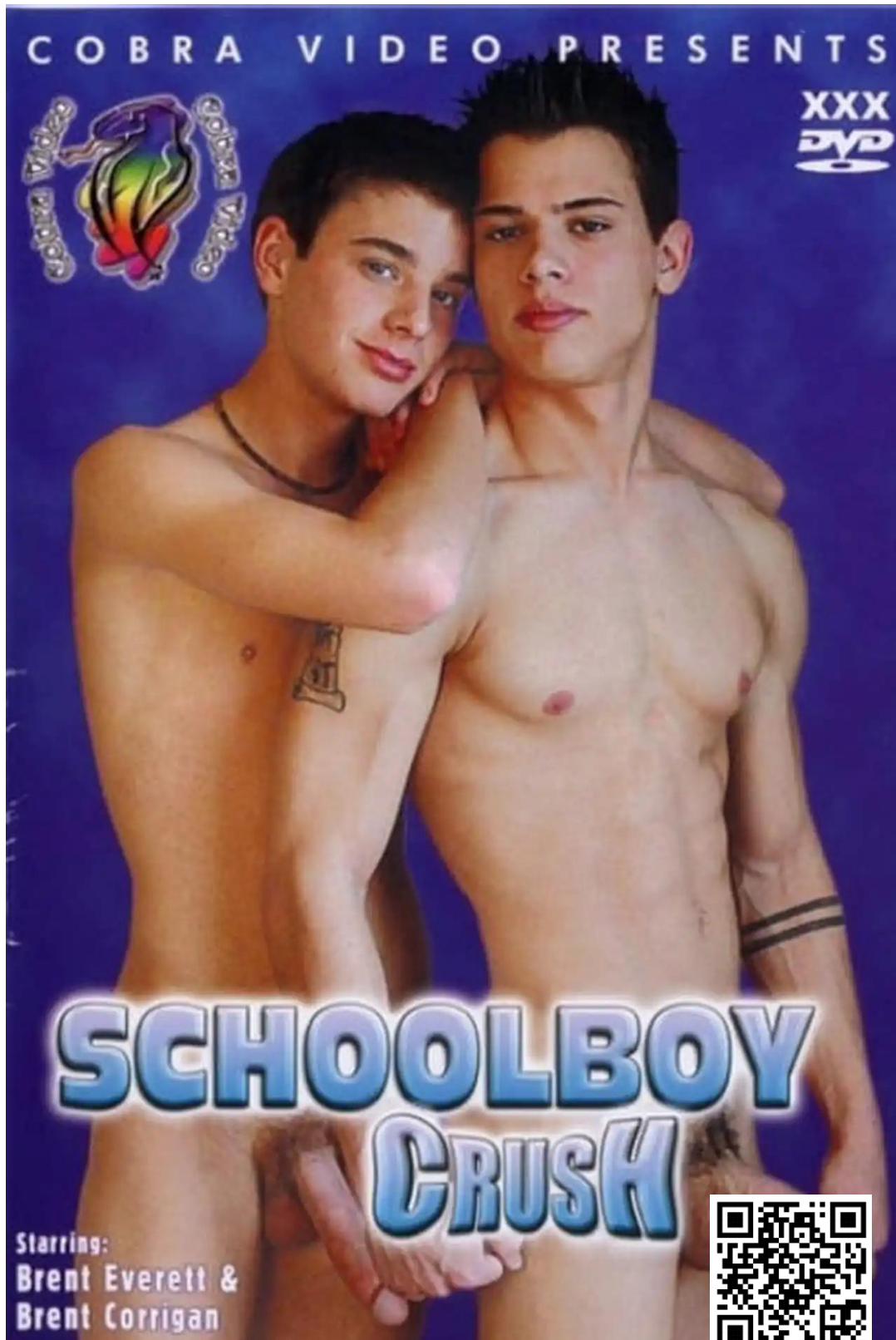
Desejo racializado, performance e afeto:
etnografia digital sobre corpos negros na
sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Fonte: *TheMovieDB.org*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pele azulada de Little e o silêncio de Black, percebemos que *Moonlight* é sobre olhares. É como você entende o que há ao seu redor. Para alguns, um garoto negro na praia é apenas um garoto, para outros a luz fantasmagórica o transforma em um menino azul. Para Little, a ideia de ser “bicha” era assustadora, mas para Black carregava uma miríade de significados que ele nunca se permitiu ser.

Ao reencontrar Kevin, o romance que desenvolveu no colegial, quando se chamava Chiron, Black conta que nunca tocou ninguém desde a sua descoberta sexual. Sua experiência com o mesmo sexo é extrema, a grande maioria não se vê na mesma situação de Black. Porém, a solidão e o medo de se abrir e ser vulnerável é uma constante para todos, independente da raça.

Porém, se é mais fácil para alguns perseguirem a identidade que desejam construir, para outros não é tão fácil. Trouxe *Moonlight* para o diálogo, não pela sua qualidade técnica ou pelo sucesso que fez, mas pela multiplicidade de visões que o filme carrega. Assim como esses produtores de conteúdo constantemente se vêm migrando entre realidades e identidades, Little, Chiron e Black representam diferentes facetas de um mesmo indivíduo.

Em sua peça original, Barry Jenkins mantém a identidade do personagem em anonimato. Desta forma, conhecemos os três, mas apenas entendemos que são a mesma pessoa no fim da história.

Entendo o porquê de Barry ter feito assim originalmente, como também compreendo a mudança. Se tem algo que percebi com toda essa pesquisa, é que somos tudo e também não somos nada. Estamos constantemente em mudança, indo de Little à Black, permanecendo em Chiron, retornando e deixando de ser.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Quando os créditos do filme começaram a rolar, percebi duas coisas: (1) eu fui, era e estava sendo todos aqueles personagens ao mesmo tempo e (2) que eu também não havia sido verdadeiramente tocado desde então. Assim como *Black*, me deixei em silêncio sobre meus próprios desejos. Na época, com cerca de dezoito anos e perdido em pensamentos sobre quem eu era, acreditava que não havia espaço para contar minha história. Para descobrir quem eu gostaria de ser.

Moonlight me apresentou a possibilidade de “ser” e, junto, surgiu uma faísca, um desejo em falar sobre representatividade. Pois se eu senti isso, a tal da “representatividade” com aquele filme, significava que Jenkins também sentia e que, talvez, outras pessoas também sentiram.

Durante muito tempo, todo filme pornô que eu consumia, possuía os mesmos corpos e rostos, a mesma estrutura, o mesmo desejo e me vi construindo minhas vontades acerca de narrativas que não me cabiam. Não acredito que isso tenha mudado completamente, mas vejo que agora, eu consigo perceber o indivíduo por trás dos corpos suados. Do êxtase e do gozo, consegui encontrar a “visão artística” que Oberon tem pelo pornô.

Ao fim de tantos debates, até me vi ansiando por essa liberdade desses produtores. Mesmo presos pelo capitalismo e o intenso trabalho da produção de conteúdo, de entender seu público e alimentá-lo com seu corpo, me questionei se seria capaz de fazer o mesmo. Com todas as ferramentas que precisava, tomei um tempo e tirei algumas fotos.

Não cheguei longe o suficiente para abrir uma conta no OnlyFans e experimentar, por mim mesmo, os cliques. Porém, enviei para um interesse romântico ou outro e, me senti desejado. Não necessariamente pelo o que sou, mas por uma parte minha. Quando brinquei dizendo que precisava deixá-lo interessado, me respondeu: “Não quero beber só do seu corpo”.

Poético, mas até verdadeiro. No entanto, me fez pensar sobre como não tenho respostas para nada do que foi apresentado neste trabalho. Comecei com a questão de que pornografia poderia ser tanto benéfica quanto nociva e que o estereótipo criado pela indústria pornográfica criava expectativas que, pessoas comuns como eu, não conseguiam suprimir no fim do dia.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Percebo que, sim, tudo isso é verdade, mas também que toda experiência é única, como também compartilhável. O Yuri magricelo de uma foto antiga com um olhar ao longe não é muito diferente do Junno de 15 anos que acreditava que nunca seria amado. Porém, eles também são completamente diferentes. Yuri cresceu na periferia e descobriu uma forma de suprimir seu desejo com sua identidade. Já eu, tentei e tento encontrar nessas buscas acadêmicas respostas que não existem de fato. Todavia, se há algo que posso concluir de tudo isso é que: sempre vale a pena fazer a pergunta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. Carballo-Diéguez, A. Ventuneac, J. Bauermeister, G. W. Dowsett, C. Dolezal, R. H. Remien, I. Balan & M. Rowe (2009) *Is 'bareback' a useful construct in primary HIV-prevention? Definitions, identity and research*. *Culture, Health & Sexuality*, 11:1, 51-65

BARRETO, Victor Hugo de Souza. *Festas de Orgia para Homens: Territórios de intensidade e socialidade masculina*. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.

BONFANTE, Gleiton Matheus. *Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si*. Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2016.

BUENO, Winnie. *Imagens de Controle: Um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Editora Zouk, Porto Alegre, 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2018.

BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick. Beyond 'identity'. *Theory and society*, v. 29. n.1, p. 1-47, 2000. Tradução de Alexandre de Oliveira Silva

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

CAMPOS LONGO, F. 2019 Mar 13. *Rebolando para entender os memes: performatividade masculina e disputas identitárias em festas gays e linguagem da internet*. Revista Habitus. [Online] 16:1

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Nas Redes do Sexo: Os Bastidores do Pornô Brasileiro*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2010.

DOS SANTOS, Daniel. *Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica*. Universitas Humanas, Brasília, 2014.

FANON, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Editora da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. A vontade do saber*. Editora Paz & Terra. Rio de Janeiro, 2020.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. EdUERJ, Rio de Janeiro, 2012.

GELL, Alfred. *Arte e Agência*. Editora Ubu, São Paulo, 2018.

GONZALES, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GREEN, James. QUINALHA, Renan. CAETANO, Marcio. FERNANDES, Marisa. (Orgs.) *História do Movimento LGBT no Brasil*. Editora Alameda, São Paulo, 2018.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Lamparina editora. Rio de Janeiro, 2019.

HOCQUENGHEM, Guy. *O Desejo Homossexual*. Editora A Bolha, Rio de Janeiro, 2020.

HOOKS, bell. *Olhares Negros: Raça e Representação*. Editora Elefante, São Paulo, 2019.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

KATSUO, Hugo. *Pornografia Gay e Racismo: A representação e o consumo do corpo amarelo na pornografia gay ocidental*. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

MACHADO, Fernanda Eugenio. *Hedonismo Competente: antropologia de urbanos afetos*. PPGAS. UFRJ, 2006.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo* (in *Sociologia e Antropologia*). Editora Ubu. São Paulo, 2018.

MIKOS, Camila Macedo Ferreira. *Produzir o Sexo Verdadeiro, Regular o Sexo Educado: Aproximações entre o cinema pornô e a educação sexual*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

MIZRAHI, Mylene. *A Estética Funk Carioca: Criação e conectividade em Mr. Catra*. Editora 7 Letras. Rio de Janeiro, 2014.

NGUYEN, Tan Hoang. *A View from the Bottom: Asian American Masculinity and Sexual Representation*. Duke University Press Books, 2014.

PARREIRAS, Carolina. *Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online*. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Campinas, SP, 2015.

PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: A prostituição viril*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1987.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto Contrasexual*. Anagrama. Barcelona, 2011.

PINHO, Osmundo. *Race Fucker: representações raciais na pornografia gay*. Cadernos Pagu, (38), 159–195, 2016.

REYNA, Carlos P. *Antropologia do cinema: as narrativas cinematográficas na pesquisa antropológica*. Teoria e Cultura, Juiz de Fora (UFJF), 2017.

Desejo racializado, performance e afeto: etnografia digital sobre corpos negros na sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

ROUSE, Lauren. SALTER, Anastasia. *Cosplay on Demand? Instagram, OnlyFans, and the Gendered Fantrepeneur*. Universidade Central da Flórida. Social Media + Society, 2021.

RYAN, Paul. *Male Sex Work in the Digital Age*. Palgrave Macmillan. Londres, 2019.

SIMÕES, Julio Assis; FRANÇA, Isadora Lins, MACEDO, Marcio. *Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo*. cadernos pagu (35), julho-dezembro, p. 37-78, 2010. Tradução de Alexandre de Oliveira Silva

SMITH, Jesus G. & LUYKX, Aurolyn. *Race play in BDSM porn: the eroticization of oppression*. Porn Studies, (4:4), 433-446, 2017.

SÁEZ, Javier. CARRASCOSA, Sejo. *Pelo Cu: Políticas Anais*. Grupo Editorial Letramento. Belo Horizonte, 2016.

Desejo racializado, performance e afeto:
etnografia digital sobre corpos negros na
sociabilidade LGBTQIA+ e no mercado pornô

JUNNO SENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 05 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025